

QUANDO AMAR É VOAR A DOIS*

Isloany Machado

Outro dia entrei numa banca de revistas e olhava despreziosamente os livros postos sobre uma bancada, quando vi “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga. É um livro que me lembro de ter lido na infância. Nem pensei duas vezes e comprei. Reli. Conta a história de Raquel, a filha caçula de uma família que já tinha três filhos com mais de 10 anos quando ela nasceu. Então ela diz “já nasci sobrando” porque ouviu diversas vezes seus irmãos dizerem que ela nasceu fora de hora, quando a mãe já não tinha condições de ter filhos. Desse não-lugar, Raquel, que tem uma vontade “gorda” de escrever, precisa recontar sua história, reescrevê-la. O livro faz uma bela crítica às relações familiares, e algumas outras tantas, mas o que quero destacar é um aspecto para falar sobre o amor.

Raquel gostava de escrever e um dia inventou a história de um galo cuja ocupação era cuidar de um galinheiro. Mas ele se cansa de tomar conta das galinhas, pois achava que era muita galinha pra um galo só, e resolve fugir. O galo foge da história de Raquel e vai morar dentro da bolsa amarela, onde ela guardava suas vontades. Ele estava resolvido a lutar por suas ideias. Em sua vida de galo, não tivera muita escolha, pois desde cedo lhe disseram: “Daqui pra frente você vai ser um tomador-de-conta-de-galinha como o seu pai era, como o seu avô era, como o seu bisavô era, como o seu tataravô era.” A esse sujeito não restava muita escolha na trama familiar, mas, se considerarmos que, “por nossa posição de sujeito, sempre somos

* Texto inédito que será publicado no seu novo livro "*Em defesa dos avessos humanos*".

responsáveis”, como disse o psicanalista Lacan, podemos dizer que sempre há uma escolha, e Afonso, o galo, decidiu fugir do lugar reservado a ele na linhagem de galos tomadores-de-conta-de-galinha de sua família. Trata-se de um ato de coragem, mas Afonso ainda precisava encontrar uma grande ideia pela qual lutar. Quando questionado por Raquel sobre suas ideias, ele diz: “ainda não deu pra ter nenhuma, primeiro eu preciso ter a ideia. Depois eu saio lutando”. Enquanto isso, ele ficava escondido dentro da bolsa amarela e saía para dar uma voltinha de vez em quando para ver se encontrava uma ideia.

Certo dia, em uma de suas buscas, Afonso não acha uma ideia, mas encontra um guarda-chuva e leva para presentear Raquel. Logo descobrem que era uma guarda-chuva que estava toda enguiçada, com as costelas quebradas e cuja história também enguiçara junto com um estalo que tivera. A Guarda-Chuva fala uma língua que só o galo consegue entender e isso o coloca em um lugar bem importante pra ela. Surge um clima de romance entre Afonso e a Guarda-Chuva, que passam a conviver dentro da mesma bolsa: “Ela logo espichou o pescoço para ficar olhando o Afonso. Ele virou a cabeça, olhou para ela e...não sei não...mas o jeito que eles se olharam foi um jeito assim...sei lá...um jeito que um dia vai dar casamento”.

O tempo passa e Afonso finalmente encontra a tão procurada ideia depois de reencontrar um primo que era da linhagem “galo-de-briga”. Esse primo não gostava de brigar, mas os donos haviam costurado seu pensamento com linha forte e só deixaram pra fora a parte que dizia que tinha de brigar e ganhar. Depois disso, Afonso define a ideia pela qual vai lutar: “Vou sair pelo mundo lutando para não deixarem costurar o pensamento de ninguém. Só tem um problema: o mundo é grande demais, se eu saio

lutando a pé vou ficar muito cansado”. Assim Raquel descobre que Afonso não sabe voar quando ele conta a história de seu medo: “Então ele me contou que toda a vida teve mania de voar alto. Mas nunca experimentou porque tinha um medo danado de cair. Até que um dia tomou coragem. Quando já ia chegando, perdeu a força e começou a cair. – Fiquei apavorado, sabe Raquel? Daí pra frente toda semana eu resolvo: segunda-feira bem cedo vou experimentar outra vez. Mas na hora eu não tenho coragem e deixo pra outra segunda-feira.” Afonso abriu mão de seu gosto por voar depois que perdeu as forças e assim, sempre posterga o reencontro ou a realização de seu desejo. Trata-se de uma procrastinação desse encontro. Afonso não consegue se reencontrar com seu desejo de voar, tendo que procrastinar esse momento para a próxima segunda-feira.

Retornemos à Guarda-Chuva. Raquel decide levá-la para consertar e, depois disso, podemos saber o restante de sua história. Ela tinha sido feita bem bonitinha, mas sentia-se incomodada, ela não queria ser só isso. Raquel pergunta a Afonso: “Ela não gostava de ser bonitinha?”, ao que ele responde: “Gostava. Mas ela achava que ser bonitinha só era muito pouco: se de repente ela desbotasse, ela deixava de ser bonitinha; aí ela não ia servir pra mais nada, porque a única coisa que ela era, ela deixava de ser.” A Guarda-Chuva tinha uma questão do feminino, ela queria ser mais do que um belo objeto de apreciação, pois se fosse apenas isso, poderia um dia deixar de sê-lo. Ela queria mais, queria ser importante, ocupar outro lugar. Ao contrário de Afonso, a Guarda-Chuva era bem corajosa e até apressada demais. Ela havia se quebrado toda porque sentiu vontade de voar que nem paraquedas e um dia, depois que já tinha enguiçado nessa de abrir, fechar e voar, ela resolveu pular de novo. Pula sem saber se vai conseguir abrir ou não e corre um grande risco. Mas, como diz Afonso, o risco foi

tão grande quanto a “chateação de viver sempre ali parada só sendo bonitinha e mais nada.” A Guarda-Chuva não tinha medo, ela preferiu se arriscar em seu desejo do que viver ali respondendo ao que fora determinado para ela: ser bonitinha. O preço que pagou por bancar seu desejo foi algumas costelas quebradas a mais.

Temos uma oposição entre a postura de Afonso, que procrastina o encontro com o seu desejo, e a da Guarda-Chuva, que se precipita literalmente, se jogando para realizá-lo. O clima de romance estava no ar desde que se conheceram e com isso, Afonso se apaixona por ela de uma vez por todas: “não é à toa que eu gosto da Guarda-Chuva: ela tem ideias. Sabe o que é que ela me disse? Que eu não preciso mais ter medo de voar alto. Ela vai junto comigo, e, se eu caio, ela dá uma de paraquedas; e, se eu caio de novo, ela dá outra; e assim toda a vida.” Afonso não precisa mais procurar ideias, pois a Guarda-Chuva as têm de sobra. Além disso, ali onde as asas dele fraquejassem, ela poderia sustentá-lo. Ele diz: “Agora sim, posso sair pelo mundo, voando bem alto sem perigo de me esborrachar. Agora sim posso lutar pela minha ideia.” Ele pode agora realizar sua vontade de voar alto e lutar por suas ideias. Por outro lado, ela encontra um lugar no desejo dele e não precisará mais ser somente a bonitinha, poderá também realizar o seu outro desejo: voar. Estabelecem uma bela parceria.

Creio que esta seja uma bela metáfora do amor. As pessoas passam muito tempo querendo entender o amor, defini-lo, alcançá-lo, teorizar sobre ele dizendo que se trata de combinações hormonais. Outros ainda esperam o dia em que encontrarão o príncipe encantado e mascarado ou a princesa, bem bonitinha. Lacan afirma que A mulher não existe. A Guarda-Chuva não é A mulher, já que esta não existe, mas ela é uma mulher que “consoa” muito bem com o inconsciente de Afonso. Era justamente ela que lhe

fazia falta. Não há nada que nos ensine, no amor, a como devemos agir e, segundo a psicanalista Carmem Gallano, “não há nada que diga como ser um homem para uma mulher ou ser uma mulher para um homem.” O que há no amor são parcerias e, Gallano diz algo muito belo: “a relação amorosa é a relação entre dois exilados.” Afonso e a Guarda-Chuva são, portanto, dois exilados, que se refugiaram dentro da bolsa amarela até poderem se unir numa relação amorosa. Lacan afirma que a mulher é o sintoma de um homem, nesse sentido, se Afonso não podia voar, mesmo tendo asas, era exatamente ali que ela se enodaria no sintoma dele, dando-lhe asas. Então, podemos dizer que amar, nesta metáfora de Lygia Bojunga, é estabelecer uma parceria, é voar a dois. Não se trata de fazer um, mas dois. Amar é dar asas mesmo quando não se tem. Amar é juntar duas vontades que continuarão sendo duas, mas em ligação, ainda que sintomática.

Bibliografia

BOJUNGA, Lygia. A bolsa amarela. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

GALLANO, Carmem. A alteridade feminina. Campo Grande: Andréa Carla Deuner Brunetto ed., 2011.

LACAN, Jacques. O desejo e sua interpretação. Seminário não publicado, 1959.

LACAN, Jacques. Conferência de Genebra sobre o sintoma, 4 de outubro de 1975.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.